

O DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO COMO PROPOSTA PRÁTICA

Josias Vieira do Nascimento Junior¹

Resumo

O diálogo inter-religioso é prática na Ecoteologia Cristã Decolonial. Assim, este artigo o estuda o caso das irmãs da Fraternidade de Charles de Foulcaud, entre os Apyãwa-Tapirapé, por exemplo, ilustra como o diálogo supera a linguagem verbal, sem homilia, homilética ou proselitismo. Objetiva-se iluminar a dívida da igreja cristã frente à sabedoria ancestral e apontar a reparação. Assim, a metodologia é qualitativa, baseada na decolonialidade, lastreando-se na sabedoria ancestral indígena e africana. Conclui-se que a harmonia na Criação resulta do entendimento de que sua práxis está em encontrar o que é comum entre os diferentes e promover a harmonia na Criação, partindo dos "de baixo".

Palavras-chave: Ecoteologia. Decolonialidade. Espiritualidade. Criação. Coexistência.

1 INTRODUÇÃO

O diálogo inter-religioso como proposta prática aprofunda a crítica à teologia colonial e eurocêntrica, posicionando-se entre diferentes espiritualidades como prática da Ecoteologia Cristã Decolonial.

A proposta é argumentar que a Igreja, como o corpo de Cristo, deve incorporar a realidade da vida na Criação e não impor uma cultura negando as identidades dos povos subalternizados. Enfatizo, portanto, que a encarnação, em vez de ser um prólogo sacrificial, deve ser compreendida

¹ Doutorando pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES). Mestre em Teologia pela Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP. Graduado em Teologia pela Faculdade Teológica Sul-Americana – FTSA. Especialista em Educação Ambiental e Cultural pelo IFPE, Pastor do Movimento Nós na Criação e na Igreja Batista em Coqueiral, integra o Bambu, um Coletivo de formadoras e formadores em ecoteologia em Abya Yala, América Latina e Caribe e o Grupo de Pesquisa Religião, Identidades e Diálogos da UNICAP. E-mail: josias.v.kaete@gmail.com

como um chamado à Igreja para tornar-se uma só com a Criação. A abordagem proposta é a de um diálogo “franco e honesto” que promove a “conversão”, não apenas a piedade.

Como indígena Kaeté em retomada, inicio minha abordagem apresentando o texto que se segue como herança da memória que recebi pela oralidade. Portanto, tratar sua apresentação em primeira pessoa é, não somente para honrar essa memória ancestral, mas uma opção a fim de posicionar o saber dos antigos como insumo e a reflexão na existência como método para a produção do conhecimento.

Assim, é necessário reconhecer que qualquer construção — seja teórica, prática, de cunho estrutural, relacional ou intelectual — precisa nascer da relação coletiva. Aqui, mais uma vez, busco as referências da Teologia da Libertação para afirmar que a prática dá lugar à práxis. Esta, por sua vez, é o fazer teórico que emerge da reflexão sobre o chão da vida real das pessoas, nos alinhamentos que possam dar contornos a uma sistemática.

2 AS IRMÃZINHAS DA FRATERNIDADE DE CHARLES DE FOULCAUD

De Marcelo Barros, teólogo da libertação, temos o relato de um caso exemplar da encarnação, fato gerador em que o diálogo inter-religioso foi além da linguagem verbal.

Em 1952, as irmãs Genoveva Helena, Odila de Jesus e outras irmãzinhas da Fraternidade de Charles de Foulcaud passaram a viver com o povo Apyãwa-Tapirapé, habitantes da região da Serra do Urubu Branco, no Mato Grosso. Quando a fraternidade chegou ao Mato Grosso, em 1952, o povo se encontrava em vias de extinção, reduzido a menos de 50 indivíduos, agrupados num território que não era o seu. Hoje, organizados em oito aldeias, estima-se que sejam aproximadamente mil indígenas. ‘Parteiras de um povo’, expressão gestada por Leonardo Boff, resume a missão e a vida das irmãs que trabalharam com os Tapirapé durante essas décadas (Barros, 2023, p. 70)

As irmãs eram as parteiras do povo. A vida encarnada no chão da realidade, do imediato. Todos e todas estão experimentando o ordinário

para que o extraordinário floresça. Esse milagre da multiplicação da vida ocorre quando o encontro dos diferentes promove o todo diverso do Reinado do Criador.

É isso que Marcelo nos apresenta enquanto teoria a partir da práxis. Ele nos faz uma exortação em forma de testemunho, já que a

[...] consciência da responsabilidade da igreja (das igrejas) frente ao sofrimento dos povos originários tem sido presente em toda a pastoral surgida a partir da 2ª Conferência dos bispos latino-americanos em Medellín (1968). Um dos testemunhos mais tocantes disso é o que conta o padre José Comblin ao falar do amor de Don Leônidas Proaño, bispo de Riobamba em Equador, tinha em relação aos indígenas. Em agosto de 1985, já em seu leito de morte, ele afirmou para quem quisesse ouvir suas últimas palavras: *"Tenho essa ideia: a igreja é a única responsável pelo peso que, por séculos, os indígenas sofrem. Oh, dor! Estou comprometido com esse peso secular"*. Monsenhor Proaño estava convencido de que a igreja tinha uma imensa dívida para com os indígenas e queria contribuir para pagar a dívida. Seria importante e evangélico que essa dor nos constrangesse a todos e todas que desejamos ser discípulos e discípulas de Jesus e testemunhas do projeto divino no mundo. Dessa dor e dessa pressa em curá-la surgiram e se desenvolvem as teologias indígenas cristãs (Barros, 2023, p. 71-72, grifo do autor).

Barros exorta a pensar em diálogo inter-religioso como desdobramento prático da Ecoteologia Cristã Decolonial. É um diálogo franco e honesto que precisa nos levar à conversão. Essa conversão nasce de um constrangimento tal que não permite apenas à piedade se manifestar, mas que seja sede de justiça, que manifeste a necessária reparação da injustiça junto ao/a injustiçado/a.

Vamos, a partir daqui, "só pintado de urucum para chamar a atenção para o que precisa ser observado e de jenipapo, negritando o que precisa ser evidenciado na caminhada", como disse, em outra conversa, minha pastora e parente Tupinambá, Priscilla Reis. A ênfase que precisa ser negritada na observação de Marcelo para uma espiritualidade que nasce do diálogo amoroso e respeitoso entre sujeitos que professam diferentes

formas de fé, mas que têm em comum a necessidade de ser um na Criação harmoniosa.

Isso é um exercício: a prática intelectual que, ora observando a vida real para teorizar, ora retornando com a teoria, busca levá-la à vida cotidiana e ordinária das comunidades de fé.

Nos colocamos, então, a observar nas periferias, contextos rurais e retomadas ancestrais de cultura e identidade, as espiritualidades relegadas ao campo do não reconhecido em suas dinâmicas. Ali, podemos encontrar mais sementes, no diálogo, que são o tecer da nossa rede de saberes. E esse tecer pode nos impulsionar, não mais a uma religiosidade, mas à espiritualidade da Coexistência Harmônica na Criação, rompendo com questões às quais a religião não pode dar respostas.

Com efeito, ao adotarmos os termos da religião, seríamos levados a buscar nela respostas para perguntas que a própria estrutura religiosa não é capaz de resolver, tais como: “Qual o rito que responde à fome?”; “Qual profissão de fé pode despoluir a água do rio?”; “Seria o avanço do evangelicalismo de missão, o pentecostalismo, a teologia da prosperidade, o destino manifesto, o pietismo, ou mesmo o conservadorismo o caminho para impedir as queimadas e a seca na Amazônia?”.

As perguntas não parariam de brotar. No entanto, resta a ser respondida: “Que espiritualidade ela construiu, ou ajudou a construir?”.

O diálogo inter-religioso não pressupõe assumir a fé do outro ou assimilar outro espaço de fé ou assumir uma espiritualidade em detrimento de outra. Talvez o diálogo inter-religioso nem exija, em si, manifestações religiosas, mas sim a possibilidade de (re)construção e de encontro a partir de cada espaço de fé, mediados pelo que se tem em comum, isto é, pela Casa Comum, lugar onde nos deparamos com o que nos afeta e se materializa no corpo, no cheiro, no sabor da vida e dos encontros. É sobre se manter abertos e abertas ao diálogo na intenção de promover a vida e dar manutenção a ela.

O contato e inserção com as espiritualidades negras e indígenas podem ajudar o cristianismo a retomar o contato com a corporalidade, com os ministérios femininos, com a dimensão espiritual do erotismo e com o cuidado com a saúde e a relação com a mãe Terra e a natureza (Barros, 2023, p. 123).

Dialogando com Marcelo Barros, percebo que o diálogo inter-religioso não é a conversa entre as categorias religiosas, pois estas, em si, não podem dialogar. São as pessoas que as utilizam para, internamente a seus espaços, exercerem sua fé. O diálogo inter-religioso precisa das pessoas. Estas, sim, têm a capacidade inerente de dialogar, de sentir o drama da existência e perceber que o outro vive o mesmo.

São as pessoas que decidem por implementar uma relação dialogal ou manter os muros que separam e violentam.

Nessa direção, destaco a Filosofia Africana por intermédio do Rekeht e a Cosmovivência Indígena para nos orientar na construção de passos que nos auxiliem, “azeitando” as relações que propiciem a construção de ferramentas para que, em nossas igrejas, a Ecoteologia Cristã Decolonial possa propor uma forma de ser e estar num mundo tão diverso.

3 REKEHT AFRICANO

Entendendo que a filosofia grega se constituiu como o lastro da razão ocidental — e, por conseguinte, da teologia colonial —, é possível reconhecer que esse legado deixou e continua a deixar suas marcas nos territórios dos povos subalternizados como ato contínuo.

Nesse sentido, é necessário apresentar o contraponto do Rekeht africano e da Cosmovivência indígena como os condutores no processo de construção do pensamento dos povos.

A filósofa Katiúscia Ribeiro traz o Rekeht como entendimento da prática que ela mesma identifica como “um novo modo de filosofar” (Pontes et al., 2020), mas que transcende esse ato.

Os africanos têm outra forma de filosofar, outra sensibilidade filosófica, outro paradigma filosófico, que colocam a reflexão filosófica a partir de uma dimensão antropológica diferente, mas procurando, ao mesmo tempo, como todos os outros povos do mundo, os mesmos elementos constitutivos (Pontes, 2017, p. 4).

Katiúscia nos leva a perceber esse profundo apego do ser humano à busca pelo saber. É importante pontuar, no entanto, que, ao falar de ser humano, não se pode limitar tal habilidade – relacionada à busca pelo saber e pela verdade – a uma racionalidade ou a poucas categorias étnicas. É necessário observar que essa habilidade precisa aliar-se à busca por viver segundo a sabedoria que há no cosmos. Viver segundo os preceitos keméticos é como se nutrir de vida.

Nos estudos sobre os povos Keméticos, africanos antigos às margens do Nilo, esse Ser — usando uma categoria não africana apenas de forma didática para o entendimento — que, em si, contém toda a verdade, recebe o nome de Maat. E a autora mencionada introduz sua definição da seguinte forma:

Viver segundo a natureza e as suas leis universais era viver debaixo das asas de Maat a Ntrt (Netert/ 'deusa', força cósmica, fonte e nutridora da vida). E viver segundo a sabedoria universal era e ainda deveria ser o desejo impulsionador da vida, uma busca, mesmo que infundável, pela verdade (Maat) expressa na realidade (Ribeiro, 2020, p. 44).

Assim, se para a tradição patriarcal da teologia colonial é estranho se referir ao Criador com outro nome que não seja "Deus", ainda mais complexo é perceberem essa potência criadora com a referência do gênero feminino. Mas é necessário tensionar para alinhar com o que já viemos construindo ao longo de todo o texto, por exemplo, que muitas espiritualidades subalternizadas vivem a espiritualidade através da figura de uma mãe.

Assim, o raciocínio sobre o Criador, não se dá enquanto homem do sexo masculino, mas enquanto ser que materna toda a criação em si.

Sendo assim, para retomar a reflexão do Rekeht, a leitura humana pode compreender o Criador com o gênero masculino ou feminino sem limitar potência criadora e doadora de toda vida, como os Keméticos observaram em Maat.

Desse modo, o Rekeht está além do simples mas no perceber-se no contexto cósmico. Ou seja, o Criador como mãe que abre o espaço em si mesma para que o outro possa existir. E isso não se entende apenas racionalmente.

Ribeiro colabora com essa compreensão antecipando a reflexão quando fala da gota de sangue ancestral que, na gestação, sai do coração da genitora e forma o coração da criança. “O coração tem importância, não somente biológica, mas filosófica, pois o coração é o primeiro órgão a ser formado no corpo humano, ele é formado através da gota de sangue ancestral que é sempre passada adiante” (Pontes et al., 2020, p. 52). Por isso, o sentir/pensar é fundamental para esta sistematização. Afinal, não se faz teologia de uma nova forma com as velhas ferramentas. Precisa-se sentir além de pensar, e isso nos impulsiona para a Cosmovivência indígena.

4 COSMOVIVÊNCIA INDÍGENA

Corroborando com o Rekeht, o conceito de cosmovivência que a teóloga da etnia Gunadule, Jocabed Solano, traz ao apresentar seu povo, relaciona-se com a Mãe Terra, figura ancestral. Essa, está preenchida da vida do Criador, e Solano aponta essa realidade repassada na gestação, quando afirma que “entrelaço as memórias da minha cosmovivência que começa no ventre de minha mãe, onde as avós nos transmitem os dons que são concedidos por Deus a cada menina, menino Gunadule” (Miselis, 2021, p. 59, tradução nossa). Dizendo isso, Jocabed nos aponta o mesmo caminho indicado por Katiúscia. Isso aponta para o Rekeht, o “cosmosentir” e a cosmovivência. Diz ainda que “Reconhecemos que um dos maiores contributos da teologia indígena é, sem dúvida, a amplitude que ela confere

ao conceito de revelação a partir da sua cosmovivência" (Miselis, 2021, p. 195, tradução nossa).

A cosmovivência indígena é, então, como parte da revelação de Deus. Ela capta o que o texto formal não mostra: a vida cotidiana, a relação íntima com o Criador, revelando em tudo que criou, Sua face e o caminho para o encontro de reconciliação. Isso nos recorda o que está registrado no livro dos Atos, "Tudo isso para que procurassem a Deus e, mesmo se às apalpadelas, se esforçassem por encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós" (At 17: 27).

Assim, a teologia dos povos indígenas vê o encontro direto com o Criador na simplicidade da vida.

Para muitas comunidades de culturas originárias, a proteção dos rios, das nascentes e das matas garante a própria relação afetiva com os ancestrais. Uma coisa está ligada a outra. Ao ver a sociedade dominante destruir a natureza, os garimpeiros assassinares, os rios os madeireiros derrubarem as matas, muitas comunidades indígenas se sentem agredidas porque consideram a natureza sagrada (Barros, 2023, p. 145).

Marcelo Barros ilumina essa ligação íntima e ancestral. Ele recorda o salmista mencionar o ser tecido no ventre da Terra, a genitora que se liga diretamente ao ato do Criador.

Nesse sentido, busco uma contextualização no instrumental teológico para termos um vislumbre de como o Rekeht e a Cosmovivência encontram sintonia na revelação do Criador. Pensar assim nos direciona a usar a reflexão holográfica da Ecoteologia, que aponta que cada ser ressoa o todo. Se tudo está no Criador, logo tudo ressoa o Criador. Assim, o território também ressoa o Criador.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse sentido, é preciso, de fato, girar a cabeça, promovendo uma guinada de 180 graus em relação à cosmovisão ocidental. É mudar a perspectiva de que o Criador só se revelou a um povo e que há apenas um

modo de refletir sobre essa questão. Com isso, anulamos as perspectivas de povos que são diferentes do que foi padronizado e a forma como se relacionam com o território.

É urgente que um método pautado na encarnação seja trazido à luz, para que o maior número possível de epistemes seja observado. Assim, a possibilidade de uma hegemonia continuar se impondo não fica a cargo de poucos.

Concluo esse breve artigo, lembrando o trabalho de Marcos Valença, pesquisador da educação, que menciona sobre o que se conhece por sociologia das emergências e sociologia das ausências (Valença, 2019). Ele aponta, lastreado no trabalho do sociólogo Boaventura de Souza Santos, a urgência de apresentar o olhar do Sul Global, através de um movimento epistêmico que consiste em expandir o presente (pela sociologia das ausências) e contrair o futuro (pela sociologia das emergências). Esses movimentos resultam no trabalho de tradução, ou seja, a atualização da revelação do Criador que se mostra possível ao compreendê-la por intermédio da voz do subalternizado.

REFERÊNCIAS

BARROS, Marcelo. *Os segredos do nosso encanto: o que a fé cristã pode aprender com as espiritualidades indígenas e negras*. São Paulo: Recriar, 2023.

BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo, Brasil: Paulus, 2003.

MISELIS, Jocabed Reina Solano. *La Memoria de la Madre Tierra: Relato de Nana Ologwadule y de Génesis 1-2:15*. 2021. Dissertação (Maestría en Estudios Teológicos Interdisciplinarios para la Misión Integral). 2021. Disponível em: https://memoriaindigena.org/wp-content/uploads/2021/07/Ologwadule-y-Genesis_Tesis_Jocabed-R-Solano-1.pdf. Acesso em: 10 ago. 2025.

PONTES, Katiúscia Ribeiro *et al.* Rekhet: Um exercício que transcende o ato de filosofar. *Ítaca – Revista dos discentes da Pós-graduação em Filosofia*, n. 36, p. 43-78, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufjf.br/index.php/Itaca/article/view/31985>. Acesso em: 13 nov.

2025.

PONTES, Katiúscia Ribeiro. *Kemet, Escolas e Arcádeas: A importância da filosofia africana no combate ao racismo epistêmico e a Lei 10.639/03*. Rio de Janeiro: Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ), jan. 2017. Disponível em: https://dippg.cefet-rj.br/ppfen/attachments/article/81/07_KatiusciaRibeiroPontes.pdf. Acesso em: 13. nov. 2025

RIBEIRO, Djamila. *O que é lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.

VALENÇA, Marcos Morais. *MST e universidade: espaço de tradução, ecologia de saberes e justiça cognitiva*. Jundiaí: Paco Editorial, 2019.